Não havia sinais de Jean-Michel – apenas seu chapéu de jornal flutuava nas águas geladas do rio Bourne

Uma criança está se afogando!

VIRGINIE HENRY

AQUELE domingo, 1.º de julho, foi um dos dias mais quentes de 1973. Muita gente tinha procurado refrescar-se às margens do Bourne, lindo rio que desliza em pitoresco curso através da garganta de Vercors, antes de se lançar no Isère. Michel Vacher, telhador de Clérieux (Drôme), sua mulher, Mireille, e três filhos (Sylvie, de oito anos, Sandrine, de três, e Jean-Michel, de nove) tinham feito um piquenique à beira d'água. Depois disso, pai e filho foram apanhar trutas. Jean-Michel estava orgulhoso de estrear seu primeiro caniço de pesca.

Pouco depois das duas da tarde, Vacher pescou seu primeiro peixe. Jubilante, Jean-Michel perguntou: «Quer que o leve a mamãe?»

«Se você quiser», respondeu o pai, ocupado em pôr isca no anzol.

ENQUANTO isso, o guia de montanha Jacques Sangnier e sua mulher, Chantal, estavam entrando no carro para se dirigirem aos Al-

pes, após o almoço num restaurante em Saint-Jean-en-Royans. Seus três cães, esfalfados pelo calor, arfavam aflitivamente. Poucos quilômetros à frente, quando o automóvel roncava através do vale do Bourne, Chantal sugeriu que o marido parasse e levasse os cães ao rio para se refrescarem.

Foi Sylvie quem deu o primeiro alarme a Mireille Vacher: «Mamãe, Mamãe! Não estou vendo o Jean-Michel!»

Pondo-se logo de pé, Mireille perscrutou com atenção a superfície do rio. A uns 30 metros, o chapéu de jornal que ela tinha feito para o filho flutuava nas águas reluzentes do Bourne. O pânico se apoderou dela. Tinham passado pelo menos cinco minutos desde que Jean-Michel chegara com o primeiro peixe e voltara em seguida, em direção à dupla fila de choupos que escondiam seu pai.

Mireille, com a voz trêmula, gritou para um grupo de cinco

jovens que estavam acampados numa praiazinha pedregosa na outra margem do rio: «Vocês viram um menino no rio?»

«Vimos. Pensamos que estivesse mergulhando por brincadeira.»

«Não!», exclamou a mãe, já aterrorizada. «É impossível. Ele não sabe nadar... nem eu. Por favor, façam alguma coisa. Vou chamar meu marido.»

Com as duas filhas pegando-lhe na saia, Mireille foi tropeçando ao longo da margem, em direção ao marido. «Michel, Michel», gritava. «Jean-Michel se afogou!»

A princípio, ensurdecido pelo ruído da água corrente, Michel Vacher não conseguiu ouvir o que a mulher estava gritando; só quando ela, desfalecida, caiu soluçando em seus braços, ele conseguiu compreender. Vacher foi invadido por uma sensação de inutilidade – ele também não sabia nadar.

Deixando a mulher aos cuidados de um casal já idoso, que fora atraído pela aflição de ambos, Michel foi correndo em busca de auxílio. «Uma criança está se afogando. Você sabe nadar?», perguntava aos poucos pescadores que encontrava em seu caminho. Três vezes, as respostas foram terríveis: «Infelizmente, não!»

NA OUTRA margem, Jacques Sangnier levava seus cães à pequena praia onde os jovens do acampamento estavam, de olhos fixos no ponto em que tinham visto

Jean-Michel pela última vez. «O senhor sabe mergulhar?», perguntaram a Sangnier. «Um menino afundou por aqui, queremos ajudar, mas não sabemos mergulhar.»

Sangnier fizera parte das equipes de salvamento do Corpo de Bombeiros de Paris. Era atleta bastante treinado e a única pessoa ali que podia fazer qualquer coisa. Sabia bem o risco de mergulhar em água assim tão fria. A temperatura era de apenas 15 graus centígrados à superfície e menos ainda a maior profundidade. A temperatura do ar, por sua vez, era superior a 35 graus à sombra.

«Tenho de agir rápido», pensava ele, salpicando o peito de água. Seguindo as indicações dos jovens, cruzou o rio num ponto pouco profundo, para chegar mais perto do lugar onde se pensava que Jean-Michel tivesse caído. Uma vez ali, estendeu-se na água gelada, mais profunda, esperando que a forte correnteza inferior o arrastasse pelo mesmo caminho que a criança havia seguido.

Numa curva apertada do rio, a correnteza era ainda mais tumultuosa à superfície. Sangnier fez uma tentativa de mergulho até dois metros; a água ali era profunda, talvez uns quatro ou cinco metros. Nisto, pareceu-lhe que tinha visto um vulto branco no leito do rio. Sabia que não podia ficar muito mais tempo sem respirar, mas, como a água fria já estava comprimindo suas têmporas como tenazes, também sabia que tinha de

tomar imediatamente uma decisão: agora ou nunca. Mergulhou.

Quando tocou com os pés no fundo, a temperatura da água ali era provavelmente de uns quatro ou cinco graus. Agarrou na criança, que estava enrolada, em posição fetal, sobre a areia.

Tinham passado menos de dois minutos quando reapareceu à superfície, quase entorpecido pelo frio. Segurando a cabeça do menino fora d'água, nadou com o braço livre contra a correnteza, em direção à praia de pedras. Chegado ali, Sangnier colocou a criança suavemente com o estômago para baixo e a cabeça para o lado.

Jean-Michel não dava sinais de vida; nem se notavam sequer as batidas do coração. Comprindo os polegares aos lados da coluna vertebral do garoto, Sangnier apertou com força nas omoplatas e em seguida soltou a pressão, ritmadamente como fizera 15 anos antes na equipe de salvamento dos bombeiros de Paris.

Agora, porém, se achava só, sem ninguém para substituí-lo e sem oxigênio, tão importante para a respiração artificial. Jean-Michel estava roxo, e frio como mármore, mas, de vez em quando, expulsava um pouco de água.

QUASE sem fôlego, Michel Vacher surgiu numa pequena clareira onde um jovem casal estava jogando cartas na grama. «Uma criança está se afogando», disse a custo. «Podem nos ajudar?»

Ambos se puseram logo de pé. Quando atravessaram o rio a vau e chegaram à pequena praia de seixos, eram mais ou menos três e meia da tarde. O recém-chegado logo tomou o lugar de Sangnier. «Sou médico», anunciou. «Deixe o menino comigo.»

O médico pôs a criança de costas para baixo. Seus dedos experientes procuraram batidas cardíacas no pulso, na carótida, na artéria femoral. Nenhum sinal de vida. «Traga minha maleta», disse à mulher.

Escanhando-se sobre o garoto, pressionou sua caixa torácica, soltou, comprimiu, mantendo umas rápidas 40 a 50 pulsações por minuto, dando massagens ao coração. «Quem sabe fazer respiração boca a boca?», perguntou.

Vacher nunca tinha experimentado o método de respiração boca a boca, mas estava plenamente convencido de que apenas ele tinha o amor necessário para trazer o filho de novo à vida. Vacher insuflou-lhe a respiração, ajustando seu ritmo ao do médico.

Enquanto isso, Sangnier ia friccionando com rapidez as pernas de Jean-Michel. Precisamente quando a mulher do médico voltava com a maleta, o guia de montanha achou ter percebido um tênue palpitar na virilha do menino. O médico interrompeu por alguns momentos a massagem cardíaca para poder aplicar uma injeção de cortisona na veia jugular, a fim de evitar os efeitos do choque e o edema.

Na margem oposta, com as filhas, Mireille Vacher acompanhava a luta para salvar a vida de seu filho. Não ouvia sequer as palavras de conforto da senhora idosa com quem tinha ficado. A questão que lhe atormentava o espírito era se o marido da senhora, que tinha ido a Auberives, a aldeia mais próxima, chamar os bombeiros de Pont-en-Royans, não teria, afinal, perdido seu tempo.

ERA DIA de feira anual em Pont-en-Royans; *gendarmes* e bombeiros estavam policiando uma corrida de bicicletas. Quando foi dado o alarme, a ambulância vermelha dos bombeiros encontrava-se à entrada da vila. Os dois *gendarmes* em serviço de trânsito correram para a delegacia. O agente que tinha recebido a chamada explicou-lhes o caso enquanto eles pulavam para dentro da viatura azul da Gendarmerie.

Em menos de cinco minutos, a ambulância e a viatura chegaram ao Bourne. Enquanto os motoristas preparavam a maca, cobertores e reservatórios de oxigênio, o Tenente Gilbert Ageron e um de seus homens passaram para o outro lado do rio.

De súbito, Vacher teve a sensação de uma leve respiração respondendo à sua. Um breve raio de esperança passou por ele; combatendo o cansaço, continuou seu esforço na respiração boca a boca, sem permitir que o substituíssem. «É meu filho, compreendem...»

Chegaram então os outros bombeiros com seu equipamento. «Está mal», explicou o médico. «Dêem-lhe oxigênio.»

Os dez minutos seguintes custaram a passar. O médico encostou de novo o estetoscópio à caixa torácica do garoto.

Desta vez, ouviu uma pulsação – fraca, irregular, mas era de fato o coração pulsando. Michel Vacher podia sentir a respiração irregular do filho. Só então cedeu o lugar a um bombeiro e atravessou o rio para se juntar à mulher. «Está respirando», murmurou. «Vão levá-lo para o hospital. Eu vou com eles. Cuide das meninas.»

ERAM cinco da tarde quando a ambulância, com a sirene tocando, entrou no portão do hospital em Romans-sur-Isère. Alertada por uma mensagem via rádio da Gendarmerie, uma equipe de reanimação levou logo Jean-Michel para a sala de operações. Cabia agora ao Dr. Guy Bonnefoy, chefe da seção de reanimação, trabalhar com sua equipe. «Liguem os tubos!», ordenou com decisão. «Montem o respirador artificial.»

Com voz lenta e monótona, a anestesista ia relatando: «Respiração 30, coração 140, pressão 10/7, temperatura 34...» O Dr. Bonnefoy analisava os elementos: a respiração do garoto era demasiado rápida; a pressão arterial, anormal, em vista da dificuldade respiratória; a temperatura, muito baixa; mãos e pés continuavam roxos.

Mais preocupante ainda era a extrema dilatação das pupilas, sinal de comoção cerebral. De vez em quando, os braços e as pernas se agitavam em espasmos. A falta de reflexos quando o menino era beliscado, a fixidez das pupilas, mesmo sob a luz mais intensa, significavam coma profundo. Ao todo, Jean-Michel tinha estado imerso cerca de 12 minutos. «Foi muito, muito tempo», pensava o Dr. Bonnefoy. «Em que estado ficará ele, mesmo se conseguirmos salvá-lo?» Enquanto isso, tinham de prosseguir.

Duas horas haviam passado antes de começarem a surgir os primeiros sinais, ainda débeis, de uma vitória decisiva; o menino principiava a reagir a beliscaduras; as pupilas se retraíam ligeiramente sob luz intensa. A respiração era um pouco mais suave.

Abrindo a porta para a sala de espera, onde Vacher caminhava de um lado para outro, aguardando, nervoso, o resultado, o Dr. Bonnefoy anunciou-lhe: «Está melhor, mas nada poderei dizer de definitivo antes de amanhã de manhã. É melhor você ir agora para casa.»

O MÉDICO ficou à cabeceira de Jean-Michel toda a noite. Desde as oito da tarde, o garoto já respirava sozinho, mas, até cerca das duas da madrugada, as pupilas tinham apresentado alarmantes períodos de dilatação. Hora após hora, o médico examinava o pulso, a pressão arterial, o ritmo cardíaco.

Jean-Michel saiu do coma às 7:15 da manhã de segunda-feira. Já obedecia a ordens simples: «Vire a cabeça. Levante a mão.» Suas reações, porém, eram lentas.

Por volta das dez da manhã, pôde responder a algumas perguntas. Poucos dias após, já se sentava. Depois, conseguia ficar de pé. Ao fim de uma semana, podia andar sem auxílio de ninguém. Finalmente, a 14 de julho de 1973, saía do hospital completamente bom, de mão dada com a mãe.

COMO aconteceu tudo isso? Como pôde o cérebro de uma criança ficar ileso após aqueles longos 12 minutos de imersão? Para os médicos que procuravam compreender, parecia quase um milagre. «Teoricamente», explica o Dr. Bonnefoy, «o cérebro não pode suportar a falta de oxigênio por mais de quatro minutos, sem graves conseqüências. Jean-Michel foi salvo pela baixa temperatura das águas do Bourne, que fez descer a do corpo, reduzindo o consumo de oxigênio e diminuindo, por conseguinte, o ritmo cardíaco.»

COM o tempo, Jean-Michel esqueceu a aventura. No entanto, quando um sujeito alto, com rosto muito queimado, apareceu em sua escola na primavera seguinte, o menino olhou muito para ele. Não conhecia o homem, nunca o tinha visto, mas instintivamente correu para ele e se lançou em seus braços. Era Jacques Sanguier. ▲